QUINZENÁRIO DOS UNIVERSITÁRIOS CATÓLICOS DE PORTUGAL

ALA

DIRECTOR
AFONSO BOTELHO
EDITOR
JOSÉ C. DE AZEVEDO MENDES
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
C. dos Mártires da Pátria, 43
L I S B O A
Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Maurício & Monteiro, Rua António Maria Cardoso, 7 — Telefone 24125 — LISBOA

1.ª QUINZENA DE ABRIL

Política meteorológica

Na véspera do acto essencialmente democrático que há dias teve lugar na Itália, os jornais às tantas diziam — «Alguns políticos prestam agora atenção ao tempo. Se a chuva, que principiou ontem à noite, continuar durante o dia de hoje, esses políticos pensam que os comunistas terão vantagem, visto que os filiados dos partidos das esquerdas irão às urnas com o mau tempo, enquanto os eleitores hesitantes ficarão em casa»

Por aqui se vêem claramente os laços de intimidade que ligam a ideologia democrática e a meteorologia.

Um grupo de sábios democráticos, baseado neste facto, inventou um aparelho, o politicómetro, que está destinado a fazer um grande êxito comercial.

O aparelho consiste essencialmente num barómetro provido de escala adequada.

Assim, em vésperas de eleições, os povos tem de estar muito atentos ao politicómetro.

Quando a escala anunciar «céu nublado, vento nor-noroeste, chuveiros frequente e, muita sardinha na costa», os povos democráticos ficarão sabendo que a Rússia fica a mandar lá em casa.

Se pelo contário o ponteiro estiver em «céu azul, vento norte bonançoso, temperatura tépida, trutas na costa», os povos democráticos ficam sabendo que continua tudo muito sossegadinho, a navegar na onda do optimismo, à espera que tudo corra pelo melhor.

Que século tão progressivo!

O pensamento humano está a atingir o limiar da perfeição. Qualquer pessoa poderá, a partir deste momento culminante na história do pensamento humano, ter ideias seguras sobre os magnos problemas da humanidade.

A filosofia das multidões «atingiu a sua maioridade». (Que frase tão repolhuda!)

Quem poderia prever — sonhar, sequer?—há poucos anos, que o «standard life» teria de melhorar tanto que até seria posta à disposição do homem mediano uma filosofia «pachola», que informaria uma doutrina política que por sua vez se traduziria numa fórmula política, e cujas decisões... — o bem e o mal, o certo e o errado, o feio e o belo, a felicidade e a infelicidade— ... cujas decisões poderiam depender da chuva ou do bom tempo.

Ai! chuva! chuva! Porque esperas tu?

R. G.

QUINZE DIAS

Macaquinhos no sótão

O encarregado de assuntos bio-zoologicos do jornal «Diário de Notícias» legendou há dias uma fotografia com macaquinhos, pondo em relevo a parecença dos ditos com o homem e falou mais uma vez no lugar comuníssimo da nossa ascendência macacal. O erudito redactor não se referiu às opiniões abalizadas que dizem ser, pelo contrário, o macaco descendente do homem.

Parece que se baseiam numa tradição oral da idade da pedra, segundo a qual um redactor do jornal «O Pedregulho Noticioso», foi enfeitiçado por uma velha que o transformou em macaco por ter escrito no dito pedregulho sobre assuntos de que não percebia.

Uma das características desses macacos muito semelhantes aos homens, era terem ventosas nas mãos, tal como hoje sucede com alguns homens que possuem ventosas na cabeça, com que agarram certos disparates que nunca mais querem largar.

R. G.

Fidelidade estática

O «Diário de Lisboa» fez 28 anos.

Nesse dia não houve ecos, que foram substituídos por um valentíssimo artigo de fundo. O leitor atento ficou sabendo várias coisas relativas à vida íntima do Diário e do seu director.

Aquele formato simpático, por exemplo, não foi ideia do director. Foi uma fada, que em conversa com ele, lhe disse que se queria ser um homem às direitas deveria manter-se, toda a vida, fiel ao formato que adoptara. E assim foi. O jornal não mudou e o seu director também ficou sempre na mesma.

— Pax tecum!

Mais adiante diz-nos que nunca teve ambições e que lhe bastou, modestamente, um nicho. E' uma franqueza comprometedora!

Mais adiante ainda, diz que é muito modesto, que nunca diz coisas que não sejam muito aceitáveis e muito como devem ser; que não ha

(Conclui na pág. 3)

O CARDEAL NEWMAN

e o ensino universitário

Apesar de provàvelmente nunca vir a ser conhecido o motivo da canonização de John Henry Newman, este grande homem terá para sempre singular posição de relevo na estima de toda a nação britânica. Para os literatos Newman será sempre o supremo estilista da língua inglesa. Nunca homem nenhum se exprimiu com maior reserva e sensibilidade, ao mesmo tempo, trazendo à luz, na linguagem mais pura e emocionante, a evolução da alma humana. Escreveu, sem ocultação e sem omissão, uma narrativa daquela prova que devia trazê-lo à Igreja Única, Apostólica e Católica, e realizou uma obra prima de sinceridade e convicção

A sua vida adulta dividiu-se em dois períodos quase iguais. O primeiro é o do senhor Newman, pastor anglicano, pregando todos os domingos e dias santos na igreja universitária de Santa Maria, em Oxford. Nada de semelhante a esses sermões existe no púlpito inglês: são claros, simples e objectivos e pelo seu encanto muitas vezes comoviam até às lágrimas a congregação de professores e estudantes universitários. Estes sermões, porém, não eram apenas uma expressão de um sentimento comovido, eram como que um desafio insólito à igreja protestante anglicana para examinar os tractos da sua fé e da veracidade histórica da sua pretensão à sucessão apostólica. Este novo despertar da Igreja estabelecida é conhecido pelo título de Movimento Oxfordiano e tão bem servido foi pelos génios de pessoas como o Dr. Pusey, John Keble e Newman, que o deísmo complacente da vida religiosa de Oxford foi destruído duma vez para sempre. Tal renascimento da vida religiosa na cidade universitária também dirigiu um inteligente, mas não mortal golpe ao novo liberalismo que esforçava por se fazer ouvir nos círculos universitários no princípio do século dezanove.

Durante algum tempo Newman gozou de contentamento e paz interior na fé anglo-católica, e no amor que o unia aos que com ele trabalhavam. Mas o seu espírito estudioso, histórico e de raciocínio não lhe permitiu gozar de descanso tranquilo no estado a que havia chegado, mas levou-o a um maior conhecimento da posição da sua igreja perante a Igreja Católica. As suas pesquisas com respeito à Unidade da Igreja, os seus estudos da tradição da Igreja são demasiado conhecidos para que sejam aqui repetidos.

Depois de um doloroso período de dúvida, com a censura dos amigos mais queridos, o pesar de sua família e a calúnia dos seus colegas, Newman fez o seu acto de submissão à Santa Igreja Católica.

A segunda parte da sua vida é a biografia dum padre católico, seguindo de perto a vida de S. Felipe Néri, um santo que merecia a Newman uma veneração e um amor especiais. Na célula do seu oratório em Edgbaston, cercado pelos seus oblacionados (muitos deles amigos dos tempos de Oxford) Newman fundou um novo apostolado, que era a Acção Católica no sentido em que nós a conhecemos hoje em dia. Tanto ansiava pela conversão dos seus compatriotas que todas as suas orações e toda a acção da sua vida foram dedicados a este fim. Por meio de sermões em todo o país, conseguiu trazer o pensamento das massas à contemplação das verdades essenciais da religião. Estes sermões podem-se ler hoje sem perderem nada da sua força pela vivacidade das suas descrições e pelo poder do seu encanto ainda hoje não ultrapassados.

A vida de Newman como católico foi, porém, por vezes perturbada e infeliz, e ele havia ainda de sofrer amargamente antes de atingir, nos últimos anos da sua vida, a posição gloriosa de Cardeal de S. Jorge. Tão impiedoso crítico era de suas próprias acções que se reprovava a si mesmo a cada momento na sua vida de missionário. Este zelo levou-o a aceitar o lugar de Reitor na Nova Universidade Católica da Irlanda, um empreendimento destinado desde o princípio a falhar, apesar de não poder ser

(Conclui na página 7)

DESPORTO UNIVERSITARIO

I

CRÍTICA

O Desporto Universitário, no nosso País, é ainda inexistente. Não podemos considerar como prática de desporto uns campeonatos organizados com muita boa-vontade, mas que não correspondem a uma actividade desportiva contínua. Não podemos no entanto dizer que o Estado desconhece a importância do Desporto Escolar, pois a Constituição Política vigente, prevê a prática de exercícios físicos e considera-os parte integrante do Ensino: art. 43, § 3.º "O ensino ministrado pelo Estado visa, *além do revigoramento físico* e do aperfeiçoamento das faculdades intelectuais, à formação do carácter, do valor profissional e de todas as virtudes morais e cívicas, orientadas aquelas pelos princípios da doutrina e moral cristãs, tradicionais do País".

Pertence ao Estado o exclusivo de ministrar o Ensino Superior. Se de facto desejamos ter um numeroso escol de homens completos, temos de proporcionar a todos os estudantes universitários o seu aproveitamento integral O universitário não pode estar sujeito à contingência de possuir meios materiais que lhe permitam custear o equipamento desportivo, e deslocamento para as instalações desportivas do clube da sua simpatia, e cotização que a inscrição neste supõe. A maioria dos universitários tem um magrissimo orçamento, que representa enormes sacrifícios para os pais e muitas vezes se traduz até numa "subscrição" familiar, que não pode ser desbaratada naquilo que muita gente erròneamente supõe serem superfluidades. Esta é a situação actual da maior parte dos estudantes, que se vêem assim inibidos da prática do desporto.

Não obstante, nós vemos aparecerem nos jornais notícias àcerca da disputa de Campeonatos Regionais e Nacionais De facto realizam-se esses campeonatos, mercê da boa-vontade da Inspecção do Desporto Universitário (única realidade no género), que consegue a cedência ou arrendamento do parque desportivo, fornece os equipamentos, organiza o calendário das provas e, por fim!.. convida algumas entidades para dar maior brilho ao acontecimento.

Os campeonatos dentro do desporto têm um significado semelhante ao do exame, presumindo portanto uma actividade preparatória regular, em que aqueles serão apenas um acidente. Têm também por objectivo premiar os mais aplicados e por vezes os de maiores possibilidades naturais, com o legítimo prazer de vencer. Mas, infelizmente, não é isto que acontece: os campeonatos são a actividade regular (duas vezes por ano!).

Os atletas que disputam os campeonatos são, em geral, elementos filiados em clubes profissionalistas, em que há muito o ideal desportivo se adulterou. Esses rapazes corrompidos por um falso espírito clubista, trazem para as competições universitárias a *campionite*, um desejo imoderado de vencer, uma arrogante superioridade, que os leva a tomar atitudes deselegantes e nada próprias do nível universitário. Sucede geralmente que estes elementos não são em número suficiente para formar equipa Arregimentam-se então, à última hora, uns habilidosos sem preparação física e técnica convenientes. E' frequente no decorrer das provas entre universitários notarmos uma falta de conjunto assombrosa, provocada por estes factos. Ao lado de um elemento experiente, aparece um outro que denota ter intuição para tudo excepto para aquele desporto. E' desconsolador. Verifica-se também, dada a falta de atletas, entrar um indivíduo nas provas mais dispares, com prejuízo da saúde e atentando contra os objectivos primeiros do desporto.

Ocorre-me o seguinte facto referido por Soares de Oliveira na "Ala" de 30/XI/45:

"No Campeonato de natação de 1944 travou-se este diálogo entre um concorrente e um espectador:

— Eh pá! Vai pôr o fato de banho...

— Para quê? Eu mal sei nadar!

— Isto não custa nada... Precisamos de alguém para completar a nossa equipa de 4×100!

— Não penses nisso... Eu apenas esbracejo...

— Não custa nada, garanto-te... Vai-te lá vestir! etc ..."

E como estes, todos nós conhecemos factos idênticos.

Não é a camisola que faz o atleta. Apesar de trocarem a camisola de clube pela da sua Escola, os desportistas continuam a praticar, por vezes, os actos mais deselegantes, que, além de não honrarem a Universidade, indicam o fraco nível mental e moral de quem os pratica.

As instalações desportivas das nossas Faculdades e Escolas Superiores (àparte o INEF e o IST) são inexistentes Não podemos contar ao menos com um ginásio apetrechado para cada Estabelecimento. Não nos é dado o prazer de fazer ginástica, base indispensável de toda a actividade desportiva. Não possuímos salas de armas onde os nossos rapazes se exercitem num desporto em que marcámos posição de indiscutível valor. A obra desenvolvida pela O. N. M. P. neste desporto tem que assentar em bases mais profundas: salas de armas em todas as Escolas, permitindo-se a sua utilização no intervalo das aulas e evitando despesas com transportes e consequentes perdas de tempo. Não faz sentido que neste País de marinheiros a maior parte dos seus filhos não saiba nadar ou ainda não tenha empunhado um remo. Louve-se, no entanto, a obra levada a cabo pela M. P. no desenvolvimento da Vela. Essa obra felizmente já produziu frutos gloriosos, colhidos alguns em mares estrangeiros. Mas a Vela é um caso àparte, já que as respectivas "instalações" são forçosamente comuns a toda a Universidade, e a sua prática só é possível de oito em oito dias, não se fazendo portanto sentir o factor tempo com tanta instância.

A realidade é esta: estamos reduzidos à já clássica sala de "ping-pong".

Supunhamos que se conseguiam obter instalações desportivas convenientes. Alguns rapazes, ou por terem tempo livre, ou por terem faltado às aulas, aproveitam-se da oportunidade e lá vão praticar desporto. Corridas desenfreadas, movimentos desordenados, provenientes da falta de preparação física, tal é o aspecto verificado. Não existem instrutores e técnicos em número suficiente ou insuficiente, para evitar que os exercícios físicos resultem prejudiciais. Não existem nas nossas Escolas nem existem no País, dada a frequência limitada do I. N. E. F. Temos que criar as condições materiais que incitem os nossos jovens a matricularem-se nesse Instituto. As condições actuais não são convidativas, e ninguém tira um curso na esperança de melhorarem no futuro.

V. SEBASTIÃO SPÍNOLA

PROBLEMAS

Observações a uma Opinião

Do «Ambiente Espiritual do nosso Tempo» de Karl Jaspers, um dos mais prestigiosos nomes germânicos da filosofia da existência, transcrevo e traduzo (da edição espanhola: foi-me impossível obter o original alemão; é, pois, com as maiores reservas que aceito como boa a minha interpretação do texto):

«A música chega hoje à maioria e, ao mesmo tempo, aos melhores. Mas, ao invés da arquitectura, é também a arte que com menos reserva cultiva a reprodução do passado. Aqui reside o cerne do seu efeito. Não sustém este a música moderna que supõe para a totalidade uma particularidade mais interessante que comovedora, algo que é mais ensaio que plenitude».

Duas afirmações, portanto: o cerne do efeito da música reside na reprodução do passado; a música moderna, rebelando-se contra esta reprodução torna-se, para a totalidade algo que é mais ensaio que plenitude.

Vejamos a primeira. Jaspers não a justifica, e seria necessário fazê-lo, já que a não põe a respeito de nenhuma outra arte.

A priori, a ser verdade, teríamos a música como a única arte estagnada, condenada a repetir-se eternamente, enquanto as outras sofreriam revoluções mais ou menos intervaladas, destinadas a restabelecer o misterioso paralelismo entre determinado tipo histórico do homem e a sua Cultura. Que haverá na música que a liberte desta fatalidade?

Passando à história, vemos, com efeito, que nada há. A música, graças a Deus, evolucionou e revolucionou-se tantas ou mais vezes que as suas companheiras.

E, perante isto, parece impossível adoptar a posição de considerar única música «plena» a dos hinos a Apolo Délfico, e toda a restante uma série lamentável de ensaios. Mas, objectar-se-á, o caso é diferente: um crime em certo momento, por violação do essencial dos cânones estabelecidos, pode tornar-se, como que por prescrição, fonte de novos cânones, com jus ao nosso respeito.

Então, porém, não haverá razão essencial alguma para protestar contra as revoluções musicais contemporâneas em si tão legítimas, ao menos depois de passadas (e é o que conta) como o terramoto beethoveniano.

Mas errará Jaspers na sua última afirmação? Não será a «música moderna» um lamentável conjunto de ensaios falhados enquanto tinham a «plenitude» por objectivo?

Distingamos, escolàsticamente.

As más composições modernas são, é claro, fracassos, mas cheia deles está a história da Arte. A culpa não é, por conseguinte, dos cânones (ou ausência de cânones, dirá alguém...) da moderna estética musical.

As boas obras modernas podem, reconhecemos, parecer a muitos «particularidades mais interessantes que comovedoras». Também aqui a culpa não é da música moderna, mas de toda a «nova» arte ultrapassar, durante algum tempo, o gosto das plateias... e críticos (o que não

(Conclui na pág. 7)

METANOIA

I

Tendo sido publicado na «Ala» um artigo acerca do espírito que move as edições metanoia, pedimos ao sr. Director o favor de publicar o trabalho apenso. Procuramos esclarecer a nossa posição longe de qualquer atitude de polémica. Supomos, depois desta nota, não ser necessário voltarmos ao assunto.

Queremos também agradecer ao autor do artigo a sinceridade das suas palavras.

*

«Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros assim como eu vos amei». E' justamente porque Cristo nos deixou a lei do amor, que não podemos conformar-nos ao ver pelo mundo os homens admitirem no seu seio o ódio. De nada serve, avisou-nos Jesus, afirmar Senhor, Senhor, se não fizermos o que ele nos mandou.

Em todos os tempos têm abundado entre aqueles que se chamam cristãos, doutrinadores, homens sábios e prudentes, mas na verdade bem poucos são os que vivem em simplicidade o novo mandamento de amor.

«Aquele que não ama o seu irmão a quem vê, como pode amar a Deus, a quem não vê?, pergunta S. João. O amor a Deus verdadeiramente interior é santo. Mas como sem obras a nossa vida é impensável, nunca é demais amarmos o nosso irmão, que é o grande reflexo do amor de Deus.

Na verdade se alguém vai prestar culto a Deus e tem alguma desavença com seu irmão, deve largar tudo, ir primeiro reconciliar-se, e depois poderá aproximar-se de Deus com o coração mais puro.

Não é, pois, o próprio Senhor que nos manda parar o seu culto que era feito sobre uma vida sem amor? Se amarmos primeiro pela nossa vida tudo quanto o Senhor criou, prestamos, pois, ineterruptamente, se não o melhor culto, pelo menos um grande culto.

Quando Cristo lavou os pés aos discípulos, perguntou: vistes o que vos fiz? Assim deveis fazer uns aos outros. Podemos, pois, sem erro afirmar que «servindo os homens» na verdade servimos a Deus para quem está o nosso espírito alevantado.

Por isso afirmamos que o amor não comporta desigualdades. ¿Acaso é desigualdade que um seja carpinteiro e o outro professor? A desigualdade que foi condenada sempre entre os cristãos, é como esta que conta São Tiago: «se entrar na vossa assembleia um homem que tenha anel de ouro e vestido precioso e entrar também um pobre com vestido humilde, e se atenderdes ao que está vestido magnificamente e lhe disserdes: tu senta-te aqui neste lugar de honra; e ao pobre disserdes: tu deixa-te estar aí de pé ou senta-te abaixo do estrado dos meus pés; ¿acaso não fazeis distinção dentro de vós mesmos, e não sois juízes de pensamentos indignos?

Esperando já a susceptibilidade dos homens pelo exterior, o pobrezinho de Cristo, São Francisco, não queria converter os seus irmãos humildes vestindo-se diferentemente deles ou apresentando «carta de recomendação» da Curia Romana. Queria ele que todos aceitassem o Evangelho pela força transformadora que produz nas almas. «Os prelados quando virem a santidade da nossa vida e o nosso respeito para com eles, nos convidarão a que pregais e convertais o povo. Melhor que os previlégios (que nos hão-de conduzir ao orgulho), chamarão eles o povo...» E o povo acode sempre ao chamamento desde que mostremos à sua mentalidade rude exemplos vividos como São Francisco

De tal modo esse Santo tinha empenho em imitar os primeiros cristãos e de tal modo os primeiros tempos do cristianismo eram tidos em consideração, que o Cardeal Ostiense, mais tarde Papa, lhe propôs virem os seus frades a serem os pastores dirigentes do povo, pois eles tinham um modo de vida idêntico aos primitivos tempos. Limitou-se São Francisco a responder que os seus frades eram menores.

Referia-se o Cardeal à vida pura dos primeiros mensageiros do cristianismo, tempo em que a comunidade era livre porque justamente a isso não obrigava nenhum estatuto ou orgânica. Era a lei do amor que levava os homens a despojarem-se de tudo e a virem, como relatam os Actos, aos pés dos Apóstolos afirmar-lhes o seu desejo de servir. Não afirmo outra força que leve à comunidade, do que a força do amor, e creio justamente que não há força mais livre à comunidade, do que a força do amor, e creio justamente que não há força mais livre do que a do amor.

Por isso não se importaram todos de ser pobres por decisão voluntária (tradução seg. o Rev. P.e Alves Correia, em Cristianismo e Mensagem Evangélica, com aprovação eclesiástica), num abnegado esforço para não coexistirem saciados e esfomeados.

São estes exemplos que alegram os nossos corações e que não podemos calar ao vê-los. Frei Bartolomeu dos Mártires bem no-lo demonstra como acha dever falar do Evangelho, mesmo quando parece pouco conveniente

Já velho e cansado passa uma noite numa rua de Braga quando um grupo de homens armados avançou gritando; à morte, à morte, que é luterano. E se não fora o alarme de uma pobre mulher, apanharia o bom do frade sova de pau por pró-luterano. Mas mesmo que assim acontecesse, ensina frei Francisco a frei Leão: se quando nós chegarmos a Santa Maria dos Anjos, repassados de chuva, tiritando de frio, cobertos de lama e aflitos com fome, batermos à porta e vier de lá o porteiro todo irado e nos disser: «Quem sois vós?» e nós lhe respondermos: «Somos dois dos vossos irmãos», e ele replicar: «Não dizeis a verdade; sois mas é dois vagabundos que andais enganando o mundo e roubando as esmolas dos pobres; ponde-vos daqui para fora!; e nos não abrir, mas nos fizer passar a noite à neve, à chuva, com frio e com fome, e se nós então suportarmos, tanta injúria, tanta crueldade, tantos vitupérios, com paciência, sem perturbação, sem murmurar, humilde e caritativamente pensando que, em verdade, aquele porteiro nos tinha conhecido e que Deus o movera a falar contra nós: ó frei Leão, escreve que nisto está a perfeita alegria.

Se, continuando nós a bater, ele saísse, indignado, e, como a importunos vadios, nos deitasse fora ignominiosamente, às bofetadas, dizendo: «saiam daqui, vilíssimos gatunos; vão para o albergue, que aqui não comereis nem vos acoitareis», se isto sofrermos pacientemente e de ânimo leve e benevolente: ó frei Leão, escreve que está nisso a perfeita alegria.

Mas se nós, apertados pela fome, pelo frio e pelo rigor da noite, batessemos, chamassemos e pedissemos, pelo amor de Deus, com muitas lágrimas, que nos abrissem e deixassem entrar; e ele, mais escandalizado, dissesse:

— «Estes vádios não deixam de me importunar! Esperai lá que já vos dou a paga!», e viesse com um pau nodoso nos agarrasse pelo cabelo, nos atirasse a terra, nos arrastasse pela neve e nos desse desapiedadamente com o pau; se tudo isto levássemos com paciência e satisfação, pensando nos trabalhos de Cristo bendito, e que por seu amor deviamos suportar estes trabalhos: ó frei Leão, escreve que está nisso a verdadeira alegria».

FERNANDO PEREIRA DA COSTA

NOTA — As palavras transcritas no citado artigo, «Nenhama organização tem o direito de materializar o espírito, de o cristalizar, de o fossilizar, e depois continuar a chamar-se organização cristã», são do Padre Joaquim Alves Correia, transcritas do livro «O Cristianismo e a Mensagem Evangélica», com a aprovação eclesiástica, tanto a 1.ª como a 2.ª edição.

— Todas as breves referências respeitantes a São Mateus, vêm documentadas no livro do Padre Raúl Machado, «Cristo Sinal de Contradição», nas páginas 46 a 49, do capítulo «Fontes históricas». Constatamos, no entanto, que a pequena nota, onde se lê «no original grego», deveria estar «no texto grego».

— A tradução do Padre António Pereira de Figueiredo, foi escolhida a conselho de um conhecido helenista como sendo das melhores que se têm publicado. E mais acrescentamos que a dita edição além da aprovação eclesiástica foi revista e corrigida em Roma (v. 2.ª edição, Biblioteca Nacional).

— A referência do Cânone 1391 não é aplicável nem a citações nem a pequenas transcrições.

II

O artigo «Metanoia» publicado no último número da «Ala» mereceu esta carta que, conforme foi pedido, publicamos.

E' esta carta tal que nos permite retirar as reservas que fizemos no nosso artigo? Sem dúvida nele se mostra mais uma vez o alto espírito e a boa vontade que animam o movimento, e é justo reconhecer que algumas das frases que tinham sido apontadas recebem uma interpretação que as torna aceitáveis; ficam, porém, ainda diversas coisas sobre as quais creio necessário insistir porque acho que a clarificação é útil a todos e sempre.

Na carta há respostas e observações determinadas, esclarecimento e justificação de algumas expressões e a afirmação ou, se se quiser, a manifestação de certos conceitos básicos.

— Que a frase «nenhuma organização tem o direito de materializar o espírito...» seja do Padre Alves Correia não o ponho em dúvida; não conheço o livro, mas não acho que uma frase que num determinado contexto mereceu a aprovação eclesiástica a mereça também quando a ausência de qualquer contexto a torne equívoca e perigosa.

Eu não critiquei a interpretação do «pauperes spiritu» como «pobres por decisão voluntária», critiquei apenas o facto de se tomar uma das possíveis interpretações e apresentá-la como sendo o mesmo texto, tirando a possibilidade de outras interpretações igualmente legítimas e talvez mais justificadas.

E' pena que para tomar as referências respeitantes a S. Mateus se tenha recorrido a um livro em que não há pretensões de competência bíblica (bastaria a inadvertência de apresentar o aramaico como um «dialecto hebraico» o que seria mais ou menos como fazer do francês um dialecto espanhol) e que, para mais, não se tenha sabido ler identificando, em referência à língua, judaico e hebraico.

A reserva quanto ao uso da tradução do Padre A. Pereira de Figueiredo é motivada pelo facto que hoje em dia é conhecida sobretudo nas edições protestantes.

Finalmente a referência ao cânone 1931 me parece justificada, porque embora os canonistas abram com um prudente «videtur» algumas excepções como p. e. para os textos dos Evangelhos dos domingos, explicam que *Libri* se deve entender «Libri etiam singuli, corumque partes» (Regatillo «Institutiones Juris Canonici v. 11 p. 128) e eu acho que a «Conversa no monte» seja exactamente uma parte do Evangelho de S. Mateus e não uma simples citação ou transcrição. De toda a maneira não vejo como as publicações da Metanoia possam eximir-se da necessidade da aprovação eclesiástica que o Cânone 1385 § 1.º e 2.º exige para todos os «libri et libelli... et scripta in quibus aliquid sit quad religionis ac morum honestatis peculiariter intersit». Espero que me seja perdoado o latim e o pedantismo destas observações: foram postas únicamente porque acho que nunca se devem desprezar os argumentos dos outros e deixá-los sem resposta.

Como já indiquei no princípio, algumas das expressões que tinham levantado dúvidas, como p. e. aquilo do culto, recebem na carta interpretação boa, mas as minhas objecções não eram propriamente contra o sentido das expressões (que na intenção dos autores estas tivessem um sentido bom é coisa de que nunca duvidei) mas sim contra o uso de fórmulas que apresentam a possibilidade do equívoco.

Que muitas pessoas tenham tido diante destes «cadernos» a impressão de se encontrar diante de uma produção protestante ou até comunista, poderá sem dúvida depender, em parte, dos seus hábitos mentais e da sua ignorância de certos pontos da doutrina cristã; revela, porém, que a linguagem que se fala é pelo menos pouco feliz.

Se repararmos em certos conceitos que voltam com frequência e insistência e que constituem por assim dizer o leit-motiv das produções da Metanoia, deparamos com um complexo de ideias que pedem, a meu ver, maior estudo e talvez revisão ou pelo menos a sua integração com outras ideias que lhe corrijam a unilateralidade e superficialidade.

Esta impressão é confirmada pela carta.

Uma destas ideias é sem dúvida aquela do «cristianismo primitivo» que me parece singularmente unilateral e ingénua. Com efeito, parece que só o aspecto social interessa, e este aspecto ainda vem encarando dentro de limites cronológicos e geográficos extremamente reduzidos e com um constante silêncio daqueles inconvenientes e lados simpáticos ocasionados em parte, exactamente senão pela falta de estatuto, pelo menos pela falta de um mais elaborado estatuto e que determinou p. e. a criação dos diáconos e uma progressiva regularização como nos aparece nos Actos dos Apóstolos e nas Epístolas.

Esta idealização exagerada do «cristianismo primitivo» pode dar a impressão que o Cristianismo seja uma utopia, a melhor utopia; as utopias, porém, quando tentam passar dos livros para a vida são sempre fontes de males porque ignoram a realidade concreta. A grandeza e a força do Cristianismo está pelo contrário na sua capacidade de acção, na sua possibilidade de aplicação em todas as circunstâncias concretas e sem esperar que se realize esta ou aquela mudança social. Mesmo quando, como no caso da escravatura, uma situação social parece opôr um obstáculo à fraternidade cristã, o Cristianismo sabe irmanar livres e escravos e pôr as premissas que infalivelmente levarão às modificações embora com a lentidão, às vezes secular, que exige toda a modificação social que dispense violências e precipitações sempre desastrosas e de resultados precários.

Outra ideia é a oposição que aparece entre a liberdade, o amor, o estatuto e a orgânica: parece-me bastante claro e pacífico não só que podem mas que devem coexistir numa verdadeira comu-

(Conclui na pág. 6)

N.º 81 - Ano VI Pr. 1 $20

A L A

DIRECTOR
Afonso Botelho
EDITOR
José Cândido de Azevedo Mendes
REDACTORES
Rivera Martins de Carvalho
Fernando Calheiros Veloso
Flórido Vasconcelos
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
C. dos Mártires da Pátria, 43
LISBOA
Propriedade da Juventude Católica
Composto e Impresso nas Oficinas Gráficas Mauricio & Monteiro, Rua António Maria Cardoso, número 7, da cidade de Lisboa

Este número de Ala *foi visado pela Comissão de Censura*

Opinião

NO estúdio do S. N. I. expôs **Júlio de Souza,** mais uma vez, os seus bonecos de trapo. E mais uma vez nos achámos perante um mundo estranho, cheio de subtis intenções caricaturais que, sendo-o na verdade, muito apartadas andam da vulgar e costumeira caricutura, de efeitos grosseiros e fáceis, em geitos de degenerescências monstruosas. A qualidade de *finura* que os bonecos de Júlio possuem, atribui-lhes um valor de espiritualidade que revela uma invulgar capacidade de penetração psicológica aliada a singularíssima destreza na luta com o material rebelde e pobre que utiliza na sua criação.

Pena é que os restantes trabalhos apresentados — se exceptuarmos alguns bonecos de barro, da mesma estirpe espiritual dos seus irmãos de trapo — não acompanhem o mesmo ritmo das pequenas grandes criações do artista.

O sr. **Charles Eaton** é presidente da Comissão dos Negócios Estrangeiros da Câmara Americana. Afirmou no dia 23 de Março que «as terríveis realidades do presente mundial foram criadas pelas mais poderosas forças do mal que jamais desceram sobre a humanidade».

E agora perguntamos nós: Quais são as forças do bem, na opinião do sr. Eaton? Ele não responde claramente mas lá vai dando uma no cravo e outra na ferradura. (Os acontecimentos não estão quietos com o pé...). Diz que a humanidade está entre uma época que agoniza e outra que nasce. Continua muito bem, mas daqui em diante, fita de «cow-boys»: ou a escravatura debaixo do pulso da Rússia ou a liberdade em todas as terras com a América como seu chefe e campeão (Influência do base-ball). Continua dizendo que «estes dois elementos encontram-se frente a frente» e aqui não diz mentira nenhuma mas também não faz outra coisa senão dar uma notícia honesta para os jornais. Estão de facto frente a frente a democracia judaica e maçónica, capitalista e burguesa, e o seu filho com personalidade e ideias próprias que é o comunismo. Mas que ganha a liberdade, que ganha a verdade, que ganham os homens com a vitória de uma ou de outra? Aquele que ganhar traz no próprio ventre as forças do mal que o tempo atirará de novo para o campo de batalha. Se ganha o comunismo, o mundo ficará mudo e quieto na aflição dos grandes momentos sem alegria e sem esperança. E começa a nova era sob o signo da escravidão mais dura. Se ganha o capitalismo burguês, fica adiado por escasso tempo o advento da era nova.

Chamou o sr. Eaton às coisas de que fala «as terríveis realidades do presente mundial». Terrivelmente terríveis — e dizemo-lo sentindo bem duramente que é assim — mas ainda mais agravadas porque não vemos passar os dias sem que as agências tragam para o mundo mais palavras, e vemos passar os meses sem que se levante no meio dos responsáveis políticos das nações que podem fazer alguma coisa... sem que se erga uma voz — uma só meu Deus, não pedimos muito — que diga a palavra exacta que possa salvar este mundo perdido.

Era bom que os poderosos deste mundo percebessem que para estar à altura de acontecimentos tão transcendentes como são os de uma viragem da história da humanidade não basta ter bem cheio o arsenal de guerra Importa ainda mais ter bem cheio o arsenal das ideias. E essas onde estão? Parece que fica tudo dito quando se atira para o ar com a palavra liberdade, que já toca a nossa sensibilidade como um ruído monótono de máquina que à força de repetição deixa de perceber-se

Poderão fazer qualquer guerra que valha a pena, homens que partam para as batalhas com as cartucheiras cheias e as cabeças vasias? A guerra que passou diz-nos que não. E por este andar a guerra que virá vai dizer-nos exactamente a mesma coisa. As ideias que podem salvar continuam e continuarão no reino das confidências. Temos a certeza que não faltam, mas essas, com a força da sua própria verdade, quando actuassem aniquilariam todos os que não estão em verdade; e estar em verdade é tão difícil, tão difícil, que o mundo caminhará cego, pactuando com os seus próprios erros, para o inferno que a maldade dos homens prepara por um lado, hipócrita e mentirosa com o dedo a apontar o mal e de relações cortadas com o bem, e por outro sincera e brutal, com os pés bem assentes na maldade, pronta a vingar com a violência da sua sinceridade a traição dos pseudo-bons que nada mais fazem do que defender os seus interesses arrancados por um salteador perigoso que vive fora das suas leis.

Que importa o bem? A caridade? A justiça? A liberdade? A verdade? Que importam? Que importa até que neste canto do mundo, a um canto de Lisboa, no canto de um semanário de estudantes católicos, se diga o que dissemos? O que interessa é que os poderosos do mundo nos arrastam para uma guerra onde não deixaremos de estar e onde teremos de combater conscientes, sabendo por que nos bateremos, perdidos no meio dum mundo atlético, valente, jovem e desportivo, que dará pobremente a vida ao som da Lana Turner.

LÁGRIMAS DE MÃE — **Eden.** O mesmo tema que já ocupou os clássicos, os românticos, os realistas e que já entrara no fado, nomeadamente «Ter mãe é ter na vida», etc. etc. etc.

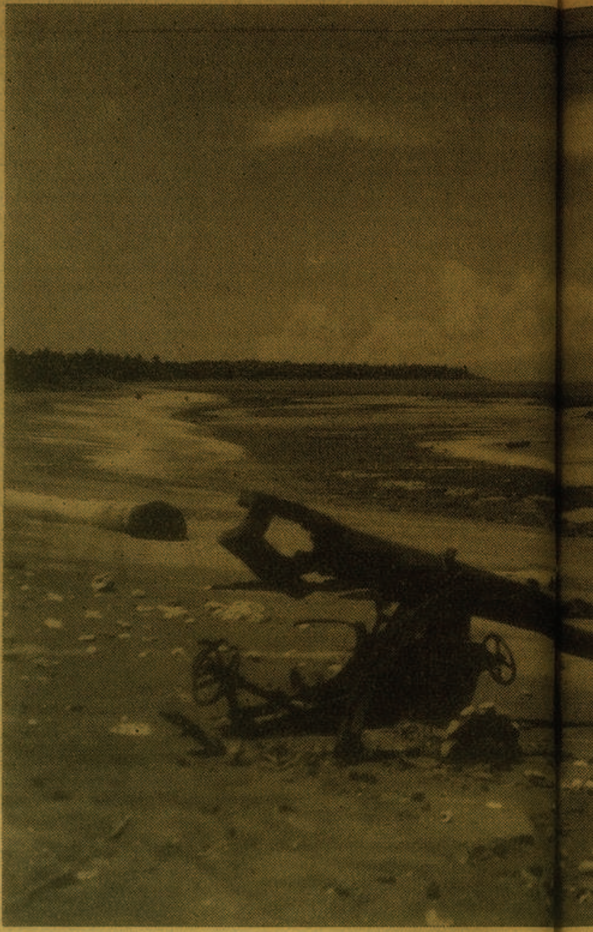
Mesmo no cinema creio que Bette Davis esgotou algures o assunto. Evidentemente que o tema do amor maternal é fecundo e capaz desde que seja tratado com a elevação e a verdade que lhe diz respeito.

Digo elevação porque embora seja legítimo, certo e costumado o amor aos filhos ilegítimos, o que não é menos certo é que não traz utilidade social de espécie alguma fomentar estes ambientes simpáticos a tais máis.

E digo verdade porque a história aqui cozinhada é duma artificialidade que salta à vista até antes de falar naquele «lord» meio fada, meio anjo da guarda, que está ali para resolver as situações difíceis.

E' claro que a interpretação de Olívia de Havilland não chega para fazer destas «Lágrimas de mãe» um filme razoável.

DEU-NOS o Politeama com mais um bom número de Music-Hall — o trio Calaveras — o novo filme de Walt Disney — **Música Maestro.** Julgamos ser este o mais desigual de todos os seus filmes de grande metragem. Nos 10 quadros temos três zonas nitidamente distintas além da maravilhosa história de Pedro e o Lobo: O cómico Walt Disney nos óptimos «Pereiras e Padilhas» e primeiro número de Swing, na sofrível história da Baleia e no medíocre Castro que era um astro; Uma segunda, tipo fantasia, no segundo número de swing; e uma terceira, mixto de fantasia e poesia vagamente sentimental, nos restantes números.



Onda sobre onda n[...]rl[...]
De um destino mar[...]o
Fito na sombra de [...] c[...]
Um macilento olhar[...]e [...]

O auto do snr. André ou [...]

Drama histórico em 5 actos e [...]as [...]

ACTO I

Algures em Lisboa. Pode ser o Aeroporto servindo de sala de visitas.

CENA I

O Sr. Erico Braga — Vou trazer aí o Sr. André. (sai pela D. baixa).

CENA II

Uma voz de Paris — Aí vai o Sr. André.

Os Srs. dos jornais — Meus senhores e minhas senhoras, (agitam uma campainha). Lisboa tem a honra de apreciar mais esta monumental atracção! Não faltem! (Agitam outra vez a campainha).

A Lisboa aristocrática — (Anémica, possivelmente directora de obras de caridade, de saias compridas e com o "Climats" debaixo do braço) — Ai que bom, que bom, vem aí o Sr. André!

O coro dos alarves — Que bom!... que bom!... que bom!

O coro é interrompido pelo roncar dum avião que entra pela E. altíssima e vem pousar ao meio da cena. Dele sai o Sr. André que grita:

CENA III

Os mesmos e o avião

Sr. André — Oh! Beau soleil du Portugal!

1.º jornalista — (com dois blocos em cada uma das mãos). Que tal fez V. Ex.ª a viagem?

2.º jornalista — (idem) Faz tenção de se demorar muito?

3.º jornalista — (idem) Para onde oscila o pêndulo político?

O locutor — (idem, substituindo os blocos por microfones) Quer dizer alguma coisa aos nossos ouvintes?

O Sr. André responde a todos "avec son joli sourire, uniquement avec son joli sourire".

Nesta altura a Lisboa aristocrática cairá para o lado, comovidamente para o lado.

Uma pessoa esperta que ali estava por acaso — "Ni ange ni bête".

NOTA — Cai também o pano.

ACTO II

Na Academia das Ciências

Cena única — esta é que é a grande cena! Está o Sr. Júlio, sua filha Perpétua e o Sr. André em destaque. Pela sala estão espalhados diversos jarrões aparentando raridade e transpirando sabedoria. No entanto é favor não os virar, pois mostrariam ostensivamente a sua plebeia origem — Vista Alegre ou Sacavém,

O Sr. Júlio — (Sublime e íntegro, como habitualmente). O Sr. André mostrou o desejo de assistir a esta sessão ordinária (interrompe, ouve-se um pigarrear de quem se sente ofendido) da classe de letras (sic) (a conclusão serena os pigarros colectivos).

O Sr. André — Com todo o gosto.

O Sr. Júlio — O Sr. André está na sua casa e está no seu lugar! (sic).

Ouvem-se numerosos aplausos, pois todos concordam e eu também.

Nesta altura, o Sr. André tira o casaco, calça as pantufas, põe o barrete e chega-se à braseira passando as duas mãos pelos suspensórios de elástico.

CAI O PANO

NOTA — Por toda esta cena a filha de Júlio, sua secretária Perpétua de nome, fará contínuos acenos concordativos às palavras do papá.

ACTO III

No Teatro Nacional

Estão mesmo a ver que não pus lá os pés. Os jornais diziam que Sua Ex.ª, na segunda sessão, ainda acreditava no amor...

Ai! Velha França!

A[...] IV

Este diálogo é [...]". Sr. André e um jorn[...]do "[...] de 18/4/48.

O Jornalista — E [...]blico [...] conferências?

O Sr. André — S[...]ancês [...] as sugestões que lh[...]ento [...] ironia e a todas as [...]es. G[...] de ver as grandes p[...], (es[...] zinho "canaille") g[...]ova, [...] a quem dirijo a exp[...] do [...]

O Jornalista — C[...]entro[...] mente na alma das [...]res?

O Sr. André — ([...]ulanc[...] EM PRIMEIRO LUGA[...]

O Jornalista — Q[...]sa d[...] tuguesas?

O Sr. André — ([...]ote) [...] de longe. Não tenh[...] o g[...] sença. Por enquant[...] mui[...] me tenha sido a c[...]ência [...] gueses (desolado) [...] a l[...] sinto tão cercado [...]omen[...] caso as mulheres d[...]terra [...] bonitas (vivaço) d[...]os [...] (crescendo piú excl[...]o). E [...] minha mulher em [...]bro c[...] para ver. E então c[...]ue al[...] me dará a conhecer [...]manc[...] nina em Portugal[...]eticên[...] cionadas).

Um ponto qualquer [...]de s[...] Em guarda, mulhere[...] Port[...]

ACTO [...]E BA[...]

NOTA — A base hi[...]ca da [...] vem publicada no [...]o Pop[...]

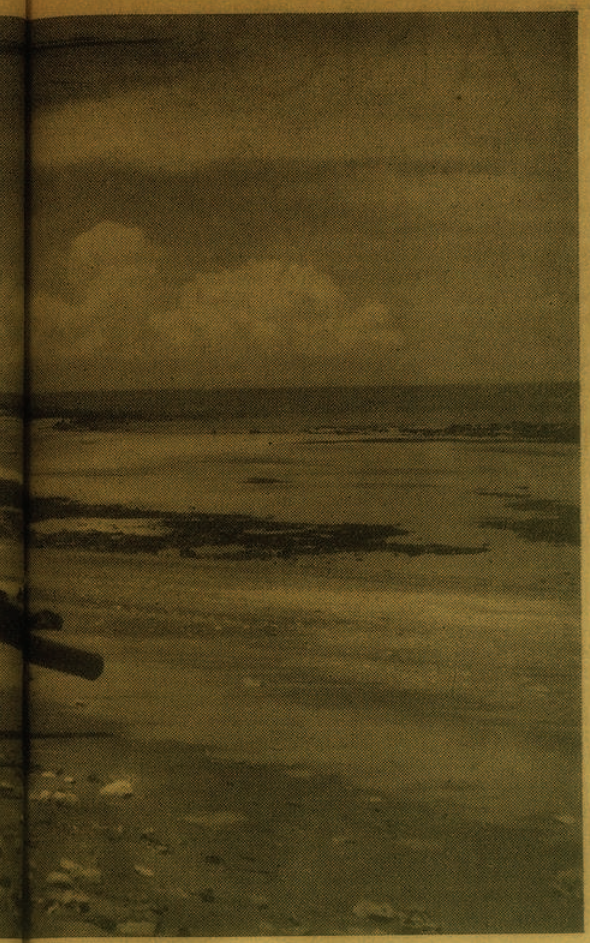


Foto de Ruy Cinatti

norla longa e vã
arno negado;
e a claro ante-manhã
are naufragado.

...ou Alto aí, snr. André

...e mas cenas, sobretudo muitas cenas

...o IV

...é ...". Passa-se entre o ...rnal "Diário de Lisboa"

- E ...blico que vai às suas

- Sa...ancês e reage a todas ...lhe ...sento. E' permeável à ...as e...es. Gosto dêle, gosto ...s pi..., (esboça um sorriso- ...) ge...nova, raparigas bonitas ...expr...o do meu apreço. - Co...entrou tam profunda- ...as ...res? - (...ulando) — AMANDO-AS - Qu...sa das mulheres por-

...(bi...ote) Só as tenho visto ...enho ...o gosto da sua pre- ...anto ...muito simpática que ...a co...ência com os portu- ...) ...a lamentar que me ...do ...omens... Em todo-o ...s da ...terra têm-me parecido ...de ...os muito brilhantes ...ccla...ro). Espero voltar com ...m ...bro ou Novembro. Só ...o co...que alguma portuguesa ...cer...mance da alma femi- ...al...eticências mal inten-

...que ...de ser o da caixa) — ...herói ...Portugal!

...CTO E BASTA

...ha da cena que se segue ...o "...no Popular" de 14/4/948.

A cena representa o Café Luso. Estão os reservados, estão as mesas, está a Amália e mais fadistas profissionais, pipis e amadores. A' porta assoma o Sr. André.

O Zé da Bica — Entra, que estás a agradar! O Sr. André, comovido com esta manifestação atrozmente popular, chega-se a uma das mesas com a sua "entourage". O criado acode solícito, trazendo copinhos de branco e bolinhos de bacalhau. A Amália vem à mesa do magnífico visitante.

O Apresentador — Meus "siores" e minhas "sioras", temos a honra de anunciar a "bossas inselências" o digno visitante que tem por "título" Sr. André.

O Sr. André — (em "argot" para Amália, que conhecia através da Rádio e dos Estabelecimentos Valentim de Carvalho) — Só comparo o êxito da sua Mouraria ao meu Disraeli.

Amália — (Não cabe em si de contente).

O Apresentador — A gentil cantatriz vai cantar o seu fado "Amália" em honra do meritíssimo visitante.

A assistência, em pé, aplaude o Sr. André.

Um fadista atrasado — (com uma "beata" no canto esquerdo e cuspinhando pelo direito). — O' que diabo, já não ouvi cantar o velhote.

A fadista entoa o fado mavioso.

O Sr. André — (embasbacado). Oh! Joli! Joli! Joli!

Nisto um podengo vadio, que acode por este nome, acorre festivo, abanando compassadamente o apêndice.

CAI O PANO ENVERGONHADO

ALÇADA BAPTISTA

ARTE CRISTÃ

II — TRADIÇÃO E AUTENTICIDADE

Vimos, no artigo anterior, primeiro desta série, qual o *sentido* da Arte Cristã. E, como é nosso desejo abordar alguns temas de interesse actual (e não fazer arqueologia) dentro da rubrica geral "Arte Cristã", teremos alguma coisa a dizer sobre a tradição e a autenticidade, num possível esquema valorativo das manifestações artísticas com o sentido que lhes atribuímos no número último de "ALA".

A tradição tem um papel de acentuada importância em toda a vida da Igreja.

Isto é inegável e seria atentar contra a sua própria unidade querer fazer desaparecer a tradição do quadro das manifestações vitais duma instituição com vinte séculos de existência.

O simples facto, porém, da sua vitalidade durante este comprido lapso de tempo, implica por si só, uma evolução, uma adaptação, mesmo, ao condicionalismo histórico de cada época, dentro daquela margem de flexibilidade que é possível conceder à organização jurídica canónica da Igreja, na medida em que não afecte a ortodoxia da doutrina. E aqui situa-se a importância extraordinária da tradição. Lembremo-nos que ela é a depositária, muitas vezes por longos séculos, de verdades que vêm a ser reconhecidas depois como *Verdades de Fé*, mas só quando surge a necessidade histórica de as proclamar como tal (v. g., o dogma da Imaculada Conceição).

Cremos, portanto, que a tradição é um factor de condicionalismo no campo da Arte Cristã, e dos que mais atenção nos devem merecer. O problema, porém, consiste em determinar até que ponto é necessária e útil a submissão da Arte aos ditames da tradição, isto é, em que medida a Arte Cristã tem de lhe obedecer, resignando à sua própria liberdade criadora.

Vejamos, em primeiro lugar, qual o sentido da tradição. Parece-nos que ele implica apenas uma noção de continuidade e de unidade, de manutenção de pureza original Ora isto não exige cópia, fossilização. A unificação dos ritos pretende uma estabilização do culto na sua própria essência, a que não é contrária, em determinada medida, a mobilidade de expressão cultual. Tanto assim que as circunstâncias justificam por vezes alterações transitórias dos rituais, como sucedeu, por exemplo, durante a última guerra, em que foi permitida a alteração de numerosas disposições litúrgicas. Por outro lado, a própria liturgia tem sofrido uma evolução sensível, mesmo depois de fixadas as suas linhas gerais. Isto sem falar nas diversidades locais do culto, oficialmente reconhecidas (todos conhecem, por exemplo, a existência do rito bracarense, na diocese de Braga).

Històricamente, a tradição é um dos mais importantes factores da Arte Cristã. A primeira Arte Cristã — a arte das catacumbas — não fez mais do que transpor, salvo raras excepções, motivos pagãos para o âmbito do cristianismo. Só a partir do sec. v o cristianismo se abalança a ensaiar uma arte sua, ensaio que vai, de experiência em experiência, de hesitação em hesitação, até ao sec. XII (isto no Ocidente, parte que mais nos interessa). Mas adquirida uma forma sua, a Arte Cristã não fossiliza: antes pelo contrário, a evolução é constante e na Europa (que o mesmo é dizer na Cristandade, pois até durante os séc. XVII e XVIII as formas da arte cristã europeia são levadas para a Africa, o Oriente e as Américas) pode-se quase integralmente estudar a evolução da História da Arte, até ao séc. XIX, apenas pelos monumentos de carácter religioso.

Há, porém, uma evolução. Mais do que isso, logo na primeira Arte Cristã há uma transposição de formas pagãs, que, nas Catacumbas de Roma, adquirem um significado, um conteúdo cristão Durante a Idade Média, não há escrúpulo algum em assenhorear-se das formas de arte muçulmanas, algumas das quais teriam dado origem, na opinião de eminentes historiadores de Arte, precisamente ao estilo gótico, de tão profundo sentido cristão! Isto sem falar nas mesquitas que, na Espanha da Reconquista, eram consagradas ao culto católico, sem qualquer modificação. Nem sequer as inscrições árabes com sentenças do Corão eram apagadas; e foi tal a sua influência que se encontram em França igrejas com ornamentação de letras árabes. . Só com Fernando e Isabel se demoliram estas mesquitas, de que restam apenas a de Córdova e a ermida do Cristo de la Luz.

Vemos, portanto, que a tradição cede o passo à necessidade, no capítulo da pura forma. No Barroco — arte da contra-reforma, como lhe chama Wolffling — a concepção estrutural tradicional da igreja modifica-se por completo. O altar-mor deixa de ser o centro funcional da construção, que passa agora para o *púlpito*, desconhecido dos arquitectos anteriores. As igrejas transformam-se em vastas salas de conferências, dada a premente necessidade da doutrinação intensiva dos fiéis, no combate à heresia reformista. Outra nota curiosa: a imaginária quase abandona a figuração dos santos tradicionais para se ocupar, quase exclusivamente, daqueles santos recentes, que provam a possibilidade da santidade dentro das condições actuais de então da Igreja Católiica.

Parece-nos pois que a tradição, no câmpo da Arte Cristã, se tem um papel condicionador, restringe-se apenas ao *conteúdo* e não à *forma*. Esta é livre, na medida em que não ultrapassa, na explosão violenta da expressão, os limites da própria ortodoxia. A função mais importante da tradição exerce-se no campo da fixação do significado das figuras simbólicas, algumas das quais foram arrancadas à iconografia pagã, romano-helenística, mas esvasiadas do seu conteúdo. Tais são, por exemplo, as figuras de "O Bom Pastor", das "Orantes", dos "Amores" (que se transformam nos "anjinhos") etc.

A forma, portanto, está em íntima correlação com a necessidade actual da época que a exige, em função das suas características, das sua necessidades espirituais e materiais, da tabela dos seus valores. Corresponder a este condicionalismo (o que não implica submissão, mas compreensão, inteligência, vivência da época — indispensáveis até para o combate a essa época), isso chama-se, cremos, *autenticidade*.

A Arte Cristã, para não atraiçoar o seu tríplice sentido, tem o dever de acompanhar a evolução humana. Não pode afastar-se dela senão na medida em que precede e advinha os futuros processos

(*Conclui na pág. 6*)

Empresa de Sondagens e Fundações

Teixeira Duarte, L.da

Captações de água subterrânea

Fundações de todos os géneros

Um quarto de século de especialização técnica

Rua da Betesga, 57

LISBOA

METANOIA

(Conclusão da pág. 3)

nidade. Se a lei, o estatuto, marcou um ideal, só quem não tem o amor a sentirá como um obstáculo aos seus caprichos e egoísmos.

Que a igualdade, como é explicada na carta, fosse entre os primeiros cristãos, como ainda hoje, mais um ideal do que uma realidade, é suficientemente indicado pelo trecho de S. Tiago: uma recomendação desta natureza não se explica senão aonde não é praticada. Mas o conceito de igualdade, fora do caso particular que tem na carta, será um conceito realmente cristão? Uma hora antes de ler a carta ouvi a Gabriel Marcel comparar os conceitos de E'galité e Fraternité e chamar a atenção para o facto de que estes dois conceitos pertencem a ordens diversas e mesmo contrárias pois, a igualdade nasce de um certo ressentimento ao passo que a fraternidade nasce do amor.

Outras ideias dizem respeito a S. Francisco. Antes de tirar consequências ou dar interpretações a esta ou aquela frase e atitude de S. Francisco, é necessário compreendê-las no seu clima histórico e à luz de mentalidades e circunstâncias que nem sempre resultam claras na simples leitura de uma biografia popular: de outra forma se corre o perigo de deformar o seu pensamento, como quando a repugnância de S. Francisco pelas cartas de recomendação, que lhe pareciam perigosas para a humildade e um fácil substituto da necessidade de merecer com a santidade da vida a licença e até o convite dos prelados para pregar, aparece ditada pela vontade que «todos aceitassem o Evangelho pela força transformadora que produz na alma», quase ignorasse ou não fizesse caso da autoridade que na difusão do Evangelho pertence à Igreja.

E para acabar estas já demasiado largas observações, direi que esta carta não me tira as reservas que o movimento me merece, não só por algumas das coisas que diz mas também por aquilo que não diz, que não foi pedido, mas que era desejado e esperado: uma declaração explícita de sua intenção e vontade de trabalhar na Igreja e com plena submissão à autoridade eclesiástica. Esta declaração poria um princípio regulador e salvador que permitiria evitar desvios e superar deficiências, garantindo ao mesmo tempo a seriedade do movimento; revelaria confiança numa Igreja que sempre acabou por compreender e amparar os seus filhos, mesmo os mais revolucionários, no campo do bem, e aquela desconfiança em si mesmos que faz parte da humildade cristã e que levava S. Francisco a afirmar: «E mais tarde deu-me o Senhor e me dá ainda uma fé tão grande nos sacerdotes que vivem segundo os ensinamentos da Santa Igreja Católica, que mesmo que estes sacerdotes me perseguissem eu continuaria a recorrer a eles por causa do seu carácter sagrado. E mesmo que eu fosse sábio como Salomão e encontrasse numa aldeia um pobre e humilde sacerdote, não pregaria sem licença dele...» (Soergensen «Vita di S. Francisco d'A. pág. 104).

E' possível que esta declaração não tenha sido feita só porque a adesão filial à Igreja é vivida tão íntima e naturalmente que não se sentiu a necessidade de a proclamar: se assim é tenho esperança que as deficiências actuais se hão-de corrigir e que o movimento poderá dar um importantíssimo contributo a uma verdadeira e integral cristianização da nossa sociedade.

F. P. SALESIANO

ARTEX

SOCIEDADE DE PAPELARIAS

ARTEX, L.DA

PAPELARIA, TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO

Livros de escrituração / Completo sortido em material para desenho e escritório Livros de estudo e material escolar / Canetas c/tinta permanente de todas as marcas

85, RUA NOVA DO ALMADA, 87

TELEF. 2 6656

LISBOA

A propósito

(Continuação da página 12)

própria, e ao Govêrno do país em que se desenvolve compete apenas facilitá-la e quando muito obrigá-la a retomar os seus próprios caminhos.

Reformá-la com o mesmo direito com que se altera o horário do funcionalismo ou a orgânica duma direcção geral, seria desconhecer a própria razão histórica da Universidade, tal e qual como o sr. Manuel Filipe.

Segundo este Senhor 1.º) A Universidade foi criada para estimular as vocações científicas; 2.º) na Universidade Antiga existia o pontificado do «Magister dixit».

E estas eram as outras duas ideias que afinal serão comentadas quando houver mais espaço.

AFONSO BOTELHO

Arte cristã

(Conclusão das páginas centrais)

das realizações da pobre humanidade; mas nunca ficando a meio do seu caminho, estática e arcaizante, peso morto numa obra viva e permanente.

Até porque isso é exigido pelo próprio carácter da eternidade da Igreja Católica, constante afirmação no tempo, sob formas interpretativas mudáveis, da perenidade e actualidade duma doutrina, até por isso é que, necessàriamente, a Arte Cristã tem de ser autêntica, sob pena de nem ser Arte, nem ser Cristã.

FLÓRIDO VASCONCELOS

15 DIAS

(Conclusão da 1.ª pag.)

ninguém melhor do que ele, e que os que dizem mal de si, são todos uma camarilha de invejosos e de mausões.

Depois põe os lobos a falar com as lagartixas como é seu velho costume e por fim compara-se com D. Quixote, ou então — hipótese natural — troca Sancho Pança pelo fidalgo depois de ter trocado Calino por Sancho Pança.

Enfim, conclui... — ele nunca conclui; continua sempre no próximo número —... conclui levando-nos a concluir que ao fim de 28 anos fez tanto como no princípio dos 28 anos, fiel à ideia de que para evitar dores de cabeça não há nada melhor do que não fazer ondas, passando a vida a contar histórias da carochinha em substituição das ideias que não existem.

MÁXIMA FIDELIDADE NAS REPRODUÇÕES

BERTRAND IRMÃOS

LIMITADA

TR. DA CONDESSA DO RIO·7

TIPOGRAFIA • FOTOGRAVURA • LITOGRAFIA • FOTO-LITO • DESENHO

BERDIAEFF

Por motivo da morte do autor das *Cinco Meditações sôbre a existência* — Nicolas Berdiaeff — transcrevemos hoje algumas passagens daquele livro com um sentido de homenagem simples e verdadeira: «A tragédia do filósofo passa-se no seio da existência; e só a *participação* inicial do filósofo ao mistério do ser lhe torna possível o conhecimento do ser. Ora o que é a vida no seio do ser, a vida revelada ao homem, senão a religião *t*»

«Nós conhecemos muito mais pelo sentimento do que pela inteligência: e é notável que não sòmente a simpatia e o amor, mas mesmo a inimizade e o ódio, possam ser auxiliares do conhecimento. O coração está no centro do homem total. Verdade antes de tudo cristã.»

«A fonte da filosofia é a experiência da existência humana na sua plenitude. Nesta experiência não se pode separar a via intelectual e a via afectiva da via volitiva.»

«O que conhece não é o espírito universal; ou a razão universal, nem o sujeito impessoal, a «consciência em geral»; é o eu, o homem como existência concreta, a pessoa.»

«Sobre cada consciência a luz não deixa cair senão alguns dos seus raios. E do original o filósofo não descobre senão aquilo que lhe é descoberto. Atraz de toda a filosofia esconde-se o tormento da vida, do *Sentido*, do destino; e a filosofia é antes de tudo, a doutrina do homem integral pelo homem integral.»

«A verdade está bem no sujeito, mas não no sujeito que está vis-à-vis do objecto e que por conseguinte se afasta do ser, está no sujeito enquanto existente. No mundo objectivo, no mundo das coisas, não se encontra nem critério nem fonte de verdade.»

«O que é preciso mostrar é que o conhecimento é um acto de criação na intimidade do ser, um jorro de luz espontâneo, numa passagem das trevas à claridade. Conhecer não é ùnicamente projectar a luz sobre o ser; o conhecimento não é ùnicamente iluminação do ser, é luz no seio do ser, interior a ele! Não é o ser que é imanente ao conhecimento, é o conhecimento que é imanente ao ser.»

«Ontològicamente a solidão é a expressão da *nostalgia de Deus*, de Deus como sujeito e não como objecto, de Deus enquanto tu e não enquanto *ele*».

«E seria erróneo pensar que a comunhão seja reservada ùnicamente à *amizade* humana. Pode penetrar também no reino animal e no vegetal ou mineral que possuem a sua existência interna. Pode-se como S. Francisco de Assis comunicar com a natureza, o oceano, a montanha, a floresta, os campos, o rio.»

«O problema da Comunhão da pessoa com a pessoa não pode ser resolvido senão pelo amor, amor erótico, e amor amizade, porque o amor está indissolùvelmente ligado à pessoa e constitui sempre uma saída de mim para outro eu, e não em vista do impessoal, do colectivo.»

«O eu pode realizar a pessoa, tornar-se uma pessoa. Esta realização supõe sempre uma limitação de si, uma subordinação livre ao supra-pessoal, uma criação de valores supra pessoais, uma evasão fora de si e a penetração noutro. Mas o eu pode também manter-se egocêntrico, afirmado de si, cheio de si, incapaz de se abrir a outro. O egocentrismo destrói a personalidade.»

«A existência humana não tem sentido senão pela supressão de toda a escravatura humana, da pessoa, em vista do mundo, do Estado, da nação, do pensamento abstracto e da ideia abstracta, e pela subordinacão imediata ao Deus vivo. E é só após esta livre subordinação interior a Deus, que não é nunca *geral*, que a pessoa humana pode determinar de dentro a relação com os valores supra-pessoais, e com as verdades gerais.»

«A realização da pessoa é uma autocriação eterna, uma elaboração do «homem novo» que se despoja do «homem velho». Falar do homem novo é invocar a realização do seu conteúdo eterno. A realização da imagem e da semelhança de Deus no homem é sem dúvida uma mudança, uma inovação, uma ciração.»

«Hoje é necessário compreender de uma maneira completamente nova que passar ao homem é passar a Deus.»

Tavares Martins

O QUE JESUS VIA DO ALTO DA CRUZ, por *A.-D. Sertillanges, O. P.*, traduzido por Teresa Leitão de Barros . . 30$00

O ZERO E O INFINITO, por *Arthur Koestler*, traduzido por Domingos Mascarenhas. 30$00

SÃO TOMAZ DE AQUINO, por *João Ameal*, da Academia Portuguesa da História, 3.ª edição. . . . . 45$00

A MULHER NO SÉCULO XX, por *Plínio Salgado*. 2.ª ed.ª . 15$00

FREUD — Estudo Crítico da Psicanálise — por *Rudolph Allers*, da Universidade Católica de Washington, traduzido pelo professor Eduardo Pinheiro. . . . . 30$00

BERGSON, por *Diamantino Martins, S. J.*, do Instituto de Filofofia . . . . . 30$00

Clérigos, 12 — PORTO

O CARDEAL NEWMAN

(Conclusão da 1.ª página)

imputada culpa deste facto ao novo reitor que fez tudo quanto humanamente lhe foi possível.

No entanto, no curto período da sua reitoria, proferiu uma série de discursos perante os seus amigos irlandeses sobre «Ideia e Extensão de uma Universidade». Ao relermos estas conferências agora, apesar de os nomes e as personalidades nos parecerem um tanto antiquados, o ponto de vista defendido é, no seu aspecto filosófico, tão universal, e os assuntos com os quais se ocupa são tão modernos que nós, como homens e provenientes de universidades católicas não podemos correr o risco de ignorá-las.

Nestes discursos, Newman faz surgir claramente o verdadeiro fim da educação liberal que é: a procura do saber pelo saber, não pelo valor de qualquer dos frutos ou aplicação do saber, seja qual for a sua importância. A cultura significava para Newman (que acima de tudo era um homem instruído) um alargamento da inteligência que ele definiu como «filosofia» ou «razão exercida no conhecimento»; sinceramente Newman repudiou a teoria que a aquisição do saber é meramente subsidiária à religião. Pelo contrário, a sua posição geral nestes discursos é que a Teologia é essencial ao verdadeiro estudo universitário por ser um ramo de saber puro e de facto o mais real e importante pois harmoniza e liga todos os outros estudos e ciências, dando-lhes a devida subordinação em relação ao fim da existência. Estas conferências constituem, portanto, um longo apelo à compatibilidade entre uma completa cultura da inteligência e de toda a sinceridade que a ela se segue pela sua adesão à fé católica. E nisto que consiste o seu grande apelo à liberdade intelectual e deste apelo sai a sua concepção de uma universidade como o lugar onde os ojvens formem hábitos de pensamento franco e acertado sendo ao mesmo tempo uma instituição que definirá a atitude do católico culto pela investigação científica e que fará evoluir uma síntese entre todas as ciências incluindo a teologia. Sem dúvida que a universidade medieval havia cumprido esta função quando o estudo científico estava no período elementar, e Newman esperava que viesse a existir uma universidade católica que cumprisse a mesma função no seu tempo.

Diz Newman: «mesmo que o pudéssemos fazer, ainda fugiríamos do nosso claro dever, senhores, se eliminássemos a literatura do ensino. Pois por que ensinamos nós senão para preparar para o mundo? Para que cultivamos nós o espírito de muitos, além dos primeiros elementos do saber, sendo para este mundo? Não será muito melhor no mundo do futuro que a nossa saúde de corpo ou o nosso vigor intelectual sejam maiores (embora este mundo seja em todas as suas circunstâncias uma prova para o outro)? Se, pois, uma universidade é uma preparação directa para este mundo, que seja aquilo que professa. Não é um convento; não é um seminário; é um lugar para preparar homens do mundo para o mundo. Não podemos evitar que eles se mergulhem no Mundo, com todos os seus meios e princípios e máximas, quando chegar a altura; mas podemos prepará-los para o inevitável: e não é maneira de saber nadar em águas turvas se não nos mergulharmos nunca nelas. Proscrevam, não digo meramente certos autores, certas obras, certas passagens, mas a literatura secular como tal, exterminem dos vossos livros de ensino toda a larga manifestação do homem natural, e estas manifestações esperam os vossos alunos às próprias portas das vossas aulas, na sua substância viva e existente. Lá estarão com todo o encanto da novidade, e com toda a fascinação do génio ou da amabilidade. Hoje um aluno, amanhã o membro do grande mundo; hoje cercado pela vida dos Santos, amanhã atirado para o Babel — e atirado sem lhe ter sido dado a conhecer a honesta indulgência do espírito e da imaginação, sem qualquer sentido de gosto, desarmado, sem qualquer regra para a descriminação entre «o precioso e o vil», a beleza e o pecado, a verdade e o sofisma da natureza, aquilo que é inocente daquilo que é veneno. Vós lhes recusastes os mestres do pensamento humano, que de qualquer forma os teriam educado, por causa da corrupção momentânea de tais mestres; encerraste-lhes o conhecimento daqueles cujos pensamentos nos atingem o coração, cujas palavras são provérbios, cujos nomes são universalmente populares, que são o nível da língua-mãe, e o orgulho e a glória dos seus compatriotas — Omero, Ariosto, Cervantes, Shakespeare — porque vos chegava às narinas o perfume desagradável de Adão. E que lhes reservastes?

Destes-lhes uma «liberdade perante» a multiplicada blasfémia do seu tempo; libertastes-nos dos jornais, revistas, novelas, panfletos controversos, dos debates parlamentares, dos procedimentos legais, dos discursos públicos, cantares, teatro, da atmosfera cercadora e asfixiante de morte. Apenas tivestes êxito numa coisa: fizeste da Universidade o vosso mundo».

DR. P. J. SECCOMBE

Professor do Instituto Inglês

Observações a uma opinião

(Conclusão da pág. 2)

disseram os contemporâneos dos últimos quartetos do Surdo!)

Já passou hoje algo desse necessário tempo sobre muitas composições modernas (o filisteu leia: «futuristas»), e é já com certa serenidade que podemos afirmar que são obras plenamente acabadas, e não ensaios pitorescos, por exemplo, as «Bodas» de Stravinsky, os «Quartetos» de Bela Bartok, a «Daphnis et Chloé» de Ravel, a «Sinfonia» de Braga Santos, os «Concertos para Piano» de Prokofieff, a «Sinfonia» de Walton, a «Londres» de V. Williams, o «Concerto» de Falla, a «Segunda Sinfonia» de Honegger, o «Matias» de Hindemith.

Uma tentativa, porém, de explicação: Jaspers devia estar exasperado com as obras de Schönberg, e generalizou pouco cuidadosamente.

RIVERA MARTINS DE CARVALHO

NOVIDADES LITERÁRIAS

LIBELO CONTRA A ARQUITECTURA ORGÂNICA
POR PIERRO BARGELLINI
Prefácio e tradução de Fernando Amado
Esc. 17$50

A VIDA DUM PROFESSOR PRIMÁRIO
autobiografia por JOAQUIM DORIA
Esc. 20$00

O ÚLTIMO HOMEM
romance por ALFRED NOYES
Esc. 35$50

A SAIR:
UM HOMEM LIQUIDADO
romance autobiográfico por GIOVANNI PAPINI

DIRIGIR PEDIDOS A
EDIÇÕES GAMA
Rua do Loreto, 42-1.º — Lisboa — Telefone 30057

UNIVERSIDADE

Eng. Alberto Abecasis Manzanares

Foi nomeado professor catedrático de Hidráulica do Instituto Superior Técnico o Eng.º Alberto Abecasis Manzanares — primeiro classificado no concurso público, que se realizou recentemente, destinado ao provimento daquele lugar, vago há já muitos anos.

O novo professor é engenheiro civil pelo I. S. T., onde obteve como aluno as mais elevadas classificações. Especializou-se depois em hidráulica nas Universidades de Zurich e Pádua, e tem projectado e dirigido importantes trabalhos deste ramo realizados nos últimos anos no nosso País. Foi chefe da repartição de construção da Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos até ser nomeado para a nova e importante missão, que vai desempenhar no corpo docente do I. S. T. O eng.º Abecasis Manzanares foi dos fundadores da J. U. C. de Lisboa, tendo sido um dos primeiros presidentes da secção do I. S. T.

Max Planck

Do discurso do Padre Gemelli na inauguração do XII ano da Academia das Ciências Pontifícia, transcrevemos o seguinte:

«Gravíssima perda sofreu a Academia com a morte de Max Planck, professor de Física Teórica na Universidade de Berlim.

Era académico pontifício desde 1936. O nome de Planck está ligado à teoria dos quanta; pode-se dizer que a Física moderna lhe deve muitos dos seus progressos, graças a esta sua teoria. Prémio Nobel em 1916, é nomeado Presidente da Kaiser Wilhelm Gesellschaft zur Forderung der Wissenschafft, lugar que deixou porque não se sujeitou às imposições do Nazismo. Tive ocasião de o conhecer e conversar longamente com ele nas minhas viagens a Berlim; agrada-me dizer que as preocupações principais dos seus últimos anos eram os problemas religiosos e os problemas filosóficos. Não católico, tinha uma grande veneração pela Igreja Católica e pelo Pontífice reinante; estive presente a conversas que ele teve com jovens cientistas, nas quais, partindo da verificação das limitações da ciência, levava-os a reconhecer o valor da Religião. Essas suas valiosas conversas davam lugar a discussões correctas nas quais dominava o alto sentido religioso de Planck».

Universidades estrangeiras

Realizou-se últimamente em Mans field College Oxford uma Conferência Internacional subordinada ao tema «A Europa Hoje e Amanhã», cujo objectivo é romper o isolamento intelectual e espiritual das Universidades alemãs e austríacas, promovendo a soliariedade académica entre elas e as outras Universidades europeias.

Durante quinze dias foram realizadas palestras por peritos, como Sir Robert Henderson o Professor K. C. Wheare e parlamentares de variadas opiniões, sobre aspectos das dificuldades políticas, sociais e económicas do momento.

Aos serões os delegados reuniam-se para estudar federalismo, a posição do Cristianismo na vida social, e socialismo democrático.

Para renovar e fortalecer as relações estabelecidas em Oxford, decidiu-se realizar uma Conferência na Universidade de Bonn, nas férias de verão.

(Continua na última coluna)

A propósito dum artigo

No «Sol» de 17 de Abril, o sr. Manuel Filipe escreve, em fundo, um artigo intitulado «A Juventude e a Universidade».

É difícil seguir o pensamento do articulista porque os vários e importantes problemas que ele toca estão amalgamados por uma prosa bastante complicada e muito pouco lógica. Há, porém, duas ou três ideias, traduzidas por frases com valor independente, que podem ser interpretadas sem vinculação ao contexto. Foram essas três ideias que achei merecerem um comentário na «Ala»; as restantes, mesmo quando muito justas, como as que traduzem a posição que supera o profissionalismo na Universidade, não estão tomadas no seu real significado.

A primeira está implícita no próprio motivo do artigo, conforme o deixa ver a introdução: «fala-se também numa provável reforma do ensino superior» e «volta também a estar na ordem do dia o problema da Universidade». Não sei se realmente estamos na véspera duma reforma do ensino superior, mas se de facto assim é, não me parece possível esperar dela uma modificação na estrutura do problema da Universidade certamente porque ele não depende, na sua essência, duma lei. Já aqui se disse isto, mas, mesmo contra a paciência do leitor, julgo indispensável que se repita. A Universidade, vista como um problema grave, dos mais graves que a vida nacional pode e deve equacionar, não é matéria de regulamentação geral (talvez por isso mesmo é que ele ainda é mais grave para as gerações portuguesas do nosso tempo).

Só pode ser modificado por regulamentação geral, por diploma legislativo imposto pela soberania do Estado, o que está dentro das realidades cuja orientação última pertence por direito natural ao Estado. Ora a Universidade, para aquém da sua especificidade histórica, não está entre essas realidades. A educação não pertence primordialmente ao Estado mas apenas subsidiàriamente. Claro que, se reduzirmos a educação, no que dela toca ao ensino superior, a um exclusivo ordenar-se para a Ciência, como faz o articulista, de tal modo que se aceitem slogans como — educação científica, Universidade estímulo das vocações científicas, o culto da inteligência, etc., etc. — talvez já não seja fácil subtrair ao monopólio do Estado a total regulamentação das instituições educacionais, mesmo das superiores.

No entanto, educação científica é uma expressão absolutamente contraditória. Educação significa sempre um caminhar para a realização integral do homem, e nunca pode esse tipo autêntico de homem realizar-se com o que a ciência lhe fornece. A ciência é feita para o servir, ou no domínio da natureza que o rodeia ou no progressivo conhecimento da sua própria natureza. Só por abusiva transposição o próprio criador da ciência passa a servi-la, ou antes, passa a supor que a serve, porque quando a ciência está no topo dos valores de uma época, não é na realidade ela que está, mas a prova de que o homem se esqueceu de metade de si-próprio. A Ciência só é valorizável subjectivamente, porque não tem realidade ôntica nem, portanto, objectividade valorizável.

Ciência e educação são coisas diferentes, até contraditórias quando àquela se dá, como o sr. Manuel Filipe, um significado ideológico que finaliza esta.

Também já se tem insistido aqui no carácter histórico da Universidade. É mais uma razão que se opõe à ideia duma reforma legislativa, tal qual se concebe com frequente indiferença e por vezes até com certa esperança. Vista a Universidade por este aspecto fundamental da sua existência, já não é o direito natural que a preserva da reforma legislativa, mas o direito comum a todas as instituições que formam a vida social dum país.

O Estado não tem direito actual de transformar uma instituição sem atender ao fim para que foi criada e ao lógico evoluir histórico dos seus interesses, e dos seus atributos.

A Universidade não é uma construção mecânica e intemporal que em qualquer momento possa ser virada de um lado para o outro e cuja vida dependa dum plano abstractamente concebido e exclusivamente elaborado por entidades, por força do seu cargo, estranhas á mesma construção.

A Universidade não é um regulamento que se substitua por outros regulamentos, é antes de tudo a vida orgânica dos estudantes, històricamente iniciada há séculos, com o sentido social e cultural marcado por uma missão que transcende em muitos aspectos a própria missão do Estado. Essa vida, se é vida, determina-se a si

(Conclui na página 6)

Universidades estrangeiras

(Continuação da 1.ª coluna)

* * *

A propósito da notícia anterior sentimo-nos no dever de tornar conhecido o apelo da Cruz Vermelha Portuguesa a favor dos professores e estudantes das Universidades de Colónia e Hamburgo. «Tudo lhes falta, de tudo carecem», diz a circular, «mas os Institutos de Cultura Portuguesa e os Leitorados de Português junto daquelas Universidades prosseguem na sua actividade pedagógica e científica.»

Como Universitários, como Portugueses, como Católicos, não podemos ignorar este recurso à nossa solidariedade, à nossa generosidade, à nossa caridade.

Géneros, roupas ou dinheiro podem ser entregues à Cruz Vermelha Portuguesa, Comité de Socorro aos Necessitados na Alemanha, que os enviará ao seu destino.

* * *

Comemorou-se no passado mês de Abril o sexto centenário da Universidade de Praga.

Esta Universidade foi fundada em 1348 por Carlos IV, imperador do Santo Império Romano, na sua qualidade de rei da Boémia, «para evitar que os leais habitantes do seu reino, famintos dos frutos da ciência, os fossem mendigar no estrangeiro».

E' a Universidade mais antiga de Além-Alpes, tendo recebido porisso estudantes duma vastíssima área, a quem concedia privilégios e imunidades semelhantes aos conferidos pelas Universidades de Bolonha e Paris.

A língua de ensino era primitivamente o Latim.

A grande afluência de estudantes estrangeiros, especialmente alemães, e a preponderância que tomaram na direcção da Universidade, provocaram nos Checos grande ressentimento, o qual, agravado por divergências religiosas, deu lugar ao Decreto de Kutná Hora (1411), que concedeu privilégios aos Checos. A consequência mais importante deste decreto foi a deserção dos Alemães de Praga e a fundação da Universidade de Leipzig (1411). A partir de então, a Universidade de Praga entrou em declínio.

Em 1784, os Estados Checos realizaram uma profunda reforma do ensino na Boémia e só nessa data foi criada uma Cadeira de estudo da Língua e da Literatura Checas na Universidade.

Posteriormente, tem-se esta associado ao movimento nacionalista; em 1848 promoveu a campanha no sentido do reconhecimento da língua checa como língua de ensino, equiparada à alemã. Em 1881 resolveu-se que a Universidade de Carlos-Fernando fosse dividida em duas secções equivalentes: uma checa, outra alemã.

A alemã, contudo, conservou as insignias tradicionais e os arquivos, que só em consequência da vitória de Masaryk em 1918 foram restaurados e devolvidos com o título à Universidade carolíngia.

Senhor Bispo de Helenópole

Partiu o Snr. D. Manuel no «Gil Eanes». Ao nosso Bispo a «Ala» deseja muito boa viagem e que a sua bênção faça cair sobre os portugueses da América todas as graças do Céu.